

A CHRYSALLIDA

Periodico da Mocidade do Lyceu Cuiabano

REDACTOR CHEFE:—Benjamin D. Monteiro

COLLABORADORES:—Diversos

Publicação quinzenal—Redacção: Rua Joaquim Murtinho 169

Preço de um numero: 300 réis.

Trimestre: 1\$500

Nº 28

Cuiabá, 16 de Setembro de 1927.

ANNO II

Capistrano de Abreu

“E sobre os tumulos que se escreve a historia dos povos”. Roma viveu as suas ruínas sumptuosas e da humildade das suas catacumbas, como o Egypto dos hieroglyphos das suas pyramides e a Grecia da magestade de seus marmores.

Mas a cultura dos seus filhos vive eternamente nos corações humanos, num culto que não se extingue, como um fogo que não se apaga, para que se transmita ás gerações futuras, o que de bello e grandioso nos legaram as civilisações passadas.

Como deixar pois, ao esquecimento os nomes dos martyres e a memoria dos sabios que se sacrificaram á causa da humanidade?... Seria demasiada ingratição?... Haverá sempre uma lagrima commovida, uma prece, uma vibração de saudade, para as suas memorias. Cumprimos pois, o nosso dever, quando tentamos recordar na pujança e no brilhantismo das suas faculdades, o que foi esse espirito luminoso que se chamou Capistrano de Abreu.

Capistrano foi antes de tudo um sabio. Sabio, na extensão exacta do termo, que desde os tempos historicos da Grecia douta, foi consagrado para designar os homens que se dedicam ao culto da sabedoria, entregues exclusivamente a essa necessidade “organica” que lhes dá as delicias divinas do espirito e que se chama saber.

Assim vivia o mestre da historia. Patria entre os quatro muros da sua cella de “frade mendicante da sabedoria” esquecido de tudo, avesso ás glorias ephemerhas da terra, lendo, sempre lendo, accumulando assim, graças á sua dedicação e á sua intelligencia peregrina, uma das mais bellas fontes de erudição da nossa Patria.

Para o vulgo, Capistrano de

Abreu era um desses alienados mentaes que se dedicam á causa da humanidade e vivem num exilio social eterno, como verdadeiros inimigos da especie humana, um desses misanthropos de que nos falla W. Scott, incapaz de uma palavra de affecto, de consolo, para com os seus semelhantes, como se destruindo fosse o equilibrio organico, por um gasto excessivo do systema nervoso.

No entanto, pae extremoso, amigo dedicado como poucos, vivia elle, para a sua familia e seus amigos, contados entre o que o Brasil intellectual possui de melhor e que se sentiam honrados em chamar a Capistrano de mestre. O grande historiadador não foi um egoista do saber, mas sim um semeador de conhecimentos, como attestam os innumerados trabalhos que publicou, espalhando pelo paiz, aquillo que conseguira accumular durante setenta e quatro annos de existencia, quer no terreno da Historia, da Linguística ou ainda da Philosophia.

Estimado por todos aquelles que conseguiram grangear sua sympathia e dedicação e admirado por uma população toda, sua fama fazia-se sentir alem das nossas fronteiras e já era considerado em vida pelos seus companheiros, o *primus inter pares*.

O futuro ha de bendizer a obra do mestre da nossa Historia que desprezou “as vaidades ephemerhas do mundo, pelas delicias eternas do espirito”.

O povo já comprehendeu a vida desse homem singular e manifestou a sua gratidão e admiração pela obra do mestre, num preito de saudade commovida, em que no silencio do respeito faziam-se ouvir as vozes do sentimento que só recebem as creaturas excepcionaes e que não se confundem com as salvas funebres, das praxes officiaes.

Gostosamente publicamos no nosso quinzenario a notavel carta filológica que o prof. Cesário Neto, jovem e competentissimo catedratico de portuguez do Lyceu Cuiabano, dirigiu ao nosso esforçado colega Luis Vaz de Campos, á respeito de uma questão de linguagem.

Ei-la :

Ilmo. Sr. Luis Vaz de Campos.

Primeiro do que tudo quero testemunhar-lhe a satisfação que me trouxe a sua carta estampada neste jornal, não só por ela patentear o seu cuidado pelas cousas da lingua, como tambem pela destreza e correção com que está escrita.

Quanto ao motivo da sua consulta, respondo-lhe se trata de um tipo sintáctico equivalente, isto é, que ambas as duas maneiras são vernáculos e correntes não só no uso vivo da lingua, mas também nos mais perfectos documentos literários: *cumprir o dever* e *cumprir com o dever*.

Nenhuma razão assiste, pois, a quem quer que lhe tenha reprochado o dizer *cumprir com o meu dever*.

Verdade é que expressões tais mereceram de Cândido de Figueiredo o ferrete de incorrectas.

E' preciso saber, porém, que este falecido filólogo lusitano não poucas vezes pecou por um excessivo e descabido rigor em tachar phenomenos lididamente vernáculos, unicamente porque se não amoldavam aos limites estreitos da gramática ou da análise logica.

A essa censura revidou Geracito Graça nos seus *Fallos de Linguagem* provando, com irrefragáveis argumentos e substanciosa documentação a liberdade da expressão.

Autorizada com o *consensus* restava entre tanto a *virtu* razão teórica de que hoje se consegue

a a um cruzamento de duas outras: *cumprir o dever e cumprir o dever com alguém.*

Aqui esta o que me competia dizer sobre o facto, declarando-lhe ainda que fico sempre ás suas ordens. Cumprimentos de

Cesário Neto.

Cuiabá, II—IX—1927.

Mutas pela Independencia

"Libertas quae sera tamen"

Passou-se a data de gloriosa recordação historica, uma das mais bellas lembranças dos antepassados da nossa Patria—7 de Setembro—. Parece que não ha um brasileiro, mesmo o analfabeto, que ao ouvir contar a emocionante historia da nossa independencia, não se entusiasme, pelas acções dos nossos valentes patricios que pela liberdade da patria derramaram o seu sangue.

A independencia do Brasil já era uma idéa de muito tempo; a influencia da libertação dos Estados Unidos da America do Norte e mesmo o desenvolvimento intellectual do paiz já dava logar á idéa de banimento do jugo estrangeiro. A primeira idéa da independencia da nossa Patria, manifestou-se em 1710, quando rebentou uma revolução em Pernambuco. Cerca de 10 annos depois, Philippe dos Santos que tentou fazer um levante em prol da nossa independencia, na cidade de Villa Rica, em Minas, fôra executado pagando com a vida o arrojo de querer a liberdade da sua Patria.

Depois uma gloriosa estirpe de estudantes, teve a idéa de salvar o Brasil das garras dos ambiciosos portugueses. Destacam-se Domingos Vidal Barbosa, José Mariano Leal e Joaquim José da Maia, que chegou a solicitar do ministro dos Estados Unidos o apoio para o Brasil. Vidal Barbosa tendo regressado para o Brasil encontrou em Minas já planejada uma revolução cujo fim era libertar o Brasil. Eram os principaes conspiradores—Aldio Manoel da Costa, Thomaz Antonio Gonzaga, Alvarenga Xoto e outros, tendo á frente os es de cavallaria—Joaquim

José da Silva Xavier cognominado—o Tiradentes. Achava-se Tiradentes em terras cariocas, onde fora comprar armamentos e angariar partidarios, quando o infame Joaquim Silverio dos Reis que fingia conspirador, covardemente denunciou a conspiração ao Visconde de Barbacena, que immediatamente participou ao vice-rei.

Após um forte julgamento foram os conspiradores e chefes condemnados á morte. Porem uma carta enviada por D. Maria I, ordenou que fossem elles-degredados para a Africa, exceptuando o Tiradentes que sendo condemnado criminoso imperdoavel, fôra executado, subindo ao patibulo no dia 21 de Abril de 1792. Até que afinal depois de tantos trabalhos e de muitos sacrificios de vida foi a nossa independencia um dia proclamada.

Governava o Brasil nessa occasião o principe D. Pedro I. Achavam-se agitados os movimentos politicos, quando um decreto vindo de Portugal declarou que estavam sujeitos á corte todas as provincias do Brasil e independentes do Rio de Janeiro. Isto desagradou muito o povo e tambem o Principe D. Pedro que desse modo se tornava um simples governador do Rio, S. Paulo e Minas. Um novo decreto veio ainda mais descontentar o Principe: chamavam-no para a corte afim de completar a sua educação.

Houve representações do povo afim de evitar a ida de D. Pedro; José Clemente Pereira havia recebido uma resposta de D. Pedro, a qual achou, podia descontentar o povo; e então tra-smittiu-a do seguinte modo: "Como é para o bem de todos e felicidade geral da nação, diga ao povo que fico". Tendo o principe partido para Minas afim de acalmar os animos exaltados, quando de volta ao passar pelas margens do memorial Ipiranga recebeu de José Bonifacio, uma carta dizendo que proclamasse la mesmo a independencia do Brasil.

Apenas rodeado de uma meia duzia de cavalleiros o principe deu o glorioso brado de—"Independencia ou Morte" tornando para sempre livre, a nossa cara Patria, desde o dia 7 de Setembro de 1822.

Viva a nossa independencia !

Viva José Bonifacio !

B. Carlos de Siqueira.

Mutações

Arvores esgalhadas, nuas, erguem-se tesas, erriçadas em attitudes de supplicas. As mais altas, são exclamações. são brados mais vehementes de maiores angustias... O sol, tosta e requeima as plantas rasteiras que se procuram occultar aos seus ardores á sombra de alguns arbustos copados, mais affeitos á soa-lheira ardente. E' Agosto, o mez abrazante, de tardes celeres e sem crepusculos, tardes claras e diaphanas em que a transição da luz para a sombra é quasi imperceptivel, suave como as cordas de um violino vibradas em surdina... Os dias são todos iguaes: a mesma ardencia, o mesmo rythmo, o mesmo esto.

...Mas, ás primeiras chuvas de Setembro, a paisagem é outra, ha uma transformação completa de scenario. Graças ao Divino Creador, não se dá aqui, o phenomeno que se observa nos chapadões mais ao norte, segundo dizem, o solo tornado esteril e máu pela quadra das seccas, repelle a primeira investida e só depois de consecutivas semanas de aguaceiro, a natureza principia a despertar da sua longa lethargia para a vida, para a floração. Os terrenos que margeam os rios Cuiabá e Coxipó e os jardins naturaes das nossas quintas, em poucos dias mitigam a sua sede e o arvoredado desce a tunica poeirenta e tristonha das folhas seccas, cobrindo-se todo de um verde novo e rutilo, envergando as vestes symbolicas da Esperança.

E' a reacção da natureza a essa pequena dilatação do estio... Setembro é a segunda primavera, neste paiz de "eternas primaveras".

Ao amanhecer, o sol traz mais galhardia em sua irradiação, emprestando a cupu-

la reverdecida e tremula da pitangueira, o seu ouro, a sua purpura... Os lyrios do campo, na sua immaculada alvura, irrompem do sólo e inclinam-se em uma apparencia constricta, semelhantes a devotas rezando, humildes, beatas e crentes...

As begonias e rosas na garrelhe de suas petalas assetinadas e roseas, ostentam a sua belleza dando um aspecto festivo a essas manhas... Até as modestas violetas, esgueiram-se medrosas, mostrando as suas corollas arroxeadas pelas frestas dos seus escudos verdes. Mas... as tardes são mutaveis: umas annuviadas, plumbeas, outras resplandecentes, porem, de crepusculos profundos, em que se nota visivelmente esse combate de dia e noite, de vida e morte!...

M. Rodrigues.

ESPORTE

Não se discute mais a utilidade do esporte.

Hoje em dia, já faz o esporte, parte de uma das necessidades do homem.

O cultivo physico, como o intellectual, se impõe e o caminho mais curto e ao mesmo tempo agradável, é o esporte, qualquer que seja seu genero.

Aliás nada de moderno traz o esporte.

Os gregos por meio do esporte, espantaram o mundo antigo com suas olympiadas, ao mesmo tempo que legavam á posteridade a maior e mais rica bagagem litteraria, artistica e scientifica, até hoje nem siquer igualada.

Pelo esporte prepararam seus soldados, de maneira a resistir o ataque dos persas em numero 20 vezes superior.

E a prova é que só quando decahia a cultura do esporte na Grecia, seus filhos puderam ser vencidos pelos Romanos, outro povo que nas epochas de cultura physica conquistou o mundo antigo, esfacellado depois, é verdade, mas quando a riqueza resultante das conquistas, relaxou os rudes e virtuosos costumes dos antigos romanos.

Ja no fim do imperio o esporte ainda se manifestava nos circos, deixado a ralé, que de escudo e gladio arriscam a vida por um punhado de sestercios.

O povo mesmo assistia, applaudia, fazia appostas de fortunas e até das proprias pessoas, das archibancadas.

Hoje o esporte se manifesta por todas as formas.

Ora é a bola que a ponta-pés é disputada por duas esquadras adversarias; é o futebol.

Ora é o tennis onde a agilidade dá a victoria ao mais dextro. Ora é o ping-pong, o tennis introduzido e afeicoado ao salão, ou então as corridas, a pé ou a cavallo; com saltos de obstaculos, onde a força dos musculos e dos pulmões dá a victoria ao mais forte.

Automoveis e aereoplanos formam novo typo de esporte, e são as corridas, e o delirio das velocidades e das alturas; os reides de verdadeira loucura assombram a geração presente.

O Box, filho das antigas lutas de gladiadores, substituindo a arma branca pelo *muque*, é o mais moderno dos esportes e o que incendeia a mais moderna das grandes potencias, donde sahem os campeões, que após esmurrear e serem esmurreados, recebem *bolladas* de dollares.

E' o esporte meio de vida.

E só Cuiabá parecia excluida de todo esse movimento.

Por falta de concurrentes os campeonatos não mais appareciam.

Era a antithese da visinha Corumbá, que com seus dous excellentes clubes de futebol, banca o gallo do terreiro, em Matto-Grosso.

Tempos houve em que se chegou de fundar uma liga esportiva em Cuiabá e disputou-se um campeonato.

Dissensões intimas, falta de auxilio dos poderes publicos e dous annos passaram-se que só chegavam os echos do que se passava por fóra...

Tudo se passou, porem...

E sómente meia duzia de entusiasticas, acalentavam a ideia do levantamento esportivo em nosso meio.

Agora, como uma Phenix, de suas proprias cinzas renascem os antigos clubs e novo vento accende as brasas apagadas do esporte.

E um grupo de jovens fundam o Tiradentes F. C. e o Paulistano F. C., renascendo assim antigos e conceituados clubs.

Os lyceistas tambem não deixam de contribuir para esse renascimento e a recente fundação do Lyceu Cuiabano F. C. o atesta.

Oxalá tenham os clubs esportivos vida longa e com matuo esforço consigam a construcção de um *ring* onde possam levar avante seus exercicios.

Oxalá não seja mais que uma febre passageira a que agora empolga a mocidade esportiva de nossa terra e possa com seus treinos contribuir para o desenvolvimento da nossa raça!

Questões do Prata

(Continuação)

Apenas seis meses eram passados da fundação daquelle tam perigoso posto de vanguarda militar e nele já se notavam obras de defesa e fortificações, alestando mesmo uma posse definitiva, aliás bem contraria ao velho Tratado de Tordezilhas, (1494) o primeiro celebrado entre as duas côrtes, e que já se tornára obsoleto, dados os dominios ultramarinos dos portuguezes.

A' diplomacia espanhola cabia necessariamente o deslindamento problematico da questão, fazendo valer os direitos que lhe prescrevia aquele. Tratado e proscritos pela acção violenta e reprovavel de Lobo. Assim foi que D. Philippe Rey Corbelon, governador do Paraguai, pediu fossem validos os direitos da Espanha a quem, pelo Tratado, pertenciam esses dominios de que os portuguezes discrecionariamente usurpavam.

Para este efeito, convocou-se o Conselho de Buenos-Aires que firmou a provincia de S. Vicente, como limite do Brasil, do lado paraguaio. Sciente do facto, a Côte de Madrid enviou ao abade Masserati, seu ministro junto á Lisboa, instrucções que exigiam de Portugal a evacuação do local da margem esquerda do Prata. "O infante D. Pedro e o seu secretario D. Sanches Farinha convieram da justiça da reclamação e prometterão fazer evacuar a nova colonia, mas, debaixo de varios pretextos eludiram esta promessa."

Outra não seria a salvação senão pelas armas. E efectivamente.

Uma vez burlado o deslindamento diplomatico, o Conselho do Prata, Garros, e os seus ordens de expulsar os portuguezes do territorio usurpado.

A CHRYSALLIDA

A têmpera de Garros que já havia reunido a sua tropa, f l-o ainda exigir de Lobo a satisfação do dir ito pelo qual ocupava aquella posição.

Exibindo carta duvidosa de Albernoz, Lobo justificava sua acção, mostrando os domínios portugueses desde a embocadura do Prata até Tumucum , 300 leguas de costa.

Deste argumento discordaram porem, os espanhoes e como não se retrajassem os portugueses, e Garro não podendo admitir tam injustas preten  es, recorreu  s armas, ordenando a invasão da col nia por uma tropa de 4.500 homens, capitaneada por Muxica que intimou o commandante portug es a render-se e como este recusasse fazel-o, Muxica invadiu e entrou de assalto na col nia que só capitulou apoz uma perda de 200 homens e a prisão de Lobo que foi enviado para Lima, onde prematuramente morreu.

Continúa.

Borges

FARRAPOS

Pleno mez de Setembro.

O sabiá pousando triste sobre os galhos das árvores já sem folhas, chora o estribilho, em que pede chuva aos c os. "sonhando já o branco n ho em flor do seu noivado."

E o sabiá muitas vezes canta; e nesses seus clamores revela a sua piedade: ao contemplar o quadro desolador da floresta onde constroe seus n hos...  rvores sem galhos e noutras galhos sem flores...

E em meio da matta immensa, onde os velhos troncos seculares estendem numa supplica eloquente os braços nus e hirtos pela secca, o meigo sabiá   a unica voz que quebra essa prece do silêncio e "suspira os seus amores, pois se o céu não d  chuva, a terra não d  flores."

Na cidade também o quadro   horrivel: as casas cobrem se de terra e se conservam fechadas para que a onda de poeira levantada pelos automoveis não invada o seu interior.

Se sahimos   rua, as nossas roupas impregnam-se da poeira.

Assim vamos aguentando até que Deus resolva nos mandar a chuva.

Temos, então, noites escuras, de trovoadas e relâmpagos que antecedem o cahir das chuvas.

Ao contrario, gozamos de noites claras... de luar em que o c o se abarrota de estrelas.

Então com alguns companheiros damos alguns passeios de omnibus e vamos reunir-nos, enfim, no jardim.

Como sentineila, guardando as suas plantas, ahi encontramos o *piavuss *.

Cousa interessante—elle somente se zanga e briga quando está *n'agua*; e o peixe torna-se furioso.

De modo que na ausencia das chuvas, durante toda a secca o *piavuss * trabalhou no Alencastro que só hoje apresenta o aspecto de jardim.

Depois de apreciar os trabalhos do *piavuss * procuramos sentar nos logares onde não faltam as lampadas, para podermos divisar os conhecidos que passam.

E ahi fazemos a nossa palestra, interrompida de quando em quando pelos apartes dos collegas que passam ou pelos celebres foguetes do barracão de zinco do Parisien, que assim annuncia as sessões cinematographicas.

Afinal vem um gury com um maço de papel debaixo do braço repartindo os programmas "das collossaes super produções que o barracão offerece aos seus *numerosos* habit es.

—Fita da ultima sessão...

—Não, *nova*... os adjectivos que são velhos...

—Offerecida a quem a func o de hoje ?...

—Não traz; quem sabe   offerecida particularmente.

—E o preço ?... das super produções ?

—Não. « Preços communs do costume »!...

Emquanto este dialogo se prolonga até outras tantas cousas, o *piavuss * impaciente roça a corrente na grade.

E' o signal de retirada...

E assim dissolvem-se as reuniões que quasi diariamente fazemos no Alencastro. F. S.

"A Chrysallida Social"

O dia 4 do corrente viu passar mais uma primavera da nossa cara collega Anna Luiza de Mattos, que foi nessa data muito cumprimentada. Felicidades.

F z annos no dia 10 do corrente a senhorinha Lourdes Coelho, distincta alumna da Escola Normal. Parabens.

Dr. A. Pereira Mendes

Transcorreu a 14 deste o natalicio do Dr. A. Pereira Mendes, digno professor de Desenho do Lyceu, a quem desejamos muitas felicidades.

7 de SETEMBRO

A passagem da data de nossa emancipa o politica foi, entre nós, brilhantemente commemorada, o que demonstra que o nosso povo reconhece o dever que todos os brasileiros temos de cultivar o passado tão glorioso da Terra de Santa Cruz. Após festiva alvorada, realizou-se uma parada militar, em que tomaram parte a companhia de E. I. M. 175 e várias sub-unidades do 16 B. C., e da F. P. Estadual. Continuando a brilhante comemora o, houve,   noite, em o Salão Nobre do Palacio da Instruc o, uma sessão civil, promovida pelas intelligentes alumnas da Escola Normal.

O seu variado programma bem desempenhado, foi uma verdadeira apoth ose em que se salientou a figura do proclamador da nossa Independencia. Afinal, rematando a serie das festividades, o baile dos lyceistas, que se revestiu de grata cordialidade. Cumprimos efusivamente todos os promotores desses festejos em homenagem ao *Grito do Ipiranga*.

Continuando a serie de conferencias sobre as datas nacionais, encetada pelos alumnos do 5. o anno do Lyceu, leu no dia 9 deste o seu primoroso trabalho sobre a auspiciosa data de 7 de Setembro, o nosso companheiro de redac o Pulcherio Filho, que recebeu ao terminar muitas palmas.